

Coluna do Castello

Um aviso de velho general

UM cidadão idoso, bem vestido e de voz inesperadamente firme, levantou-se, anteontem, no auditório do Palácio do Planalto, quando se encerravam os debates do encontro governo-sociedade, e fez menção de falar. Advertido de que o tempo se esgotara, ele retrucou: "Para mim não tem tempo. Eu vou falar. E agora". O embaixador Paulo de Tarso, que presidia a mesa, teve a deferência de ouvi-lo. Encarando firmemente os membros da mesa, o velho cidadão falou:

"Eu conheço quem fez a Revolução, quem dela participou e quem a apoiou. Muitos estão aqui. Mas quero dizer que, no mundo contemporâneo, os povos passam inelutavelmente por suas revoluções. Foi o que aconteceu na Inglaterra de Cromwell, na França da Revolução de 89... O Brasil já fez a sua e não quero discuti-la. Devo dizer apenas que, como participante e observador da vida do país, estou convencido de que, depois dessa revolução que durou 20 anos, o Brasil não terá novas revoluções militares. O Brasil consolida-se e prepara-se para progredir e viver em paz, com sua situação estabilizada."

Houve palmas, algumas desconfiadas. O orador, que assim encerrou o debate de anteontem no Palácio do Planalto, é o general Edmundo Macedo Soares e Silva, 85 anos de idade, revolucionário de 1922, construtor de Volta Redonda, ex-ministro da Viação e Obras Públicas e da Indústria e do Comércio, ex-governador do estado do Rio de Janeiro, hoje ativo membro de conselhos de empresas públicas e privadas, que participava do encontro como convidado do Palácio do Planalto.

Essa palavra de otimismo se compõe com a declaração do presidente José Sarney de que a crise de consumo por deficiências da produção não nos levará a uma nova recessão, mas a um impulso produtivo a fim de atender às necessidades de uma nação cujo poder aquisitivo foi de repente ampliado pela distribuição de renda resultante do Plano Cruzado. Essas palavras de otimismo se compõem melhor com as esperanças da população do que os atos repressivos de resultados duvidosos.

Mais estimulantes são as previsões de investimentos e o esforço industrial para esgotar a capacidade ociosa de produção enquanto não se renovam e ampliam as máquinas e se multiplicam as ofertas de insumos básicos do que os confiscos de bens realizados por autoridades de preparo duvidoso para a operação, em si mesma duvidosa sobre seus efeitos sobre a oferta de carne num período de entressafra num esquema produtivo em decréscimo previsto há algum tempo. A providência pode ter efeitos eleitoreiros, instigando o revanchismo do que se chama povão, vítima principal das dificuldades de toda ordem.

A economia de mercado, com ênfase no mercado interno, pela qual anseiam segmentos importantes da vida nacional, oferece-se agora como alternativa aos investimentos e representam a mais promissora expectativa de produção com vistas ao desenvolvimento e à melhoria de padrão de vida de um povo que há mais de 20 anos espera o bolo crescer para que se inicie sua distribuição. A divisão começa e eis que o bolo é pequeno. Que o governo Sarney mobilize o momento de confiança e de esperança criada por seu Plano Cruzado e o suplemente de modo a multiplicar as oportunidades de investimentos nos produtos destinados ao consumo de uma população que já não tem carne para comer nem produtos com que atender sequer à sua higiene pessoal.

O Brasil não está propriamente na hora de estimular as exportações. Embora ainda seja necessário e será sempre necessário que disponhamos de produção industrial cada vez mais sofisticada para competir nos mercados mundiais. No momento, necessitamos de importar comida e bens de consumo e de investir na produção deles tanto quanto na produção industrial para exportação. Estamos deixando de ser — ou deixamos de ser neste momento — um país exportador de produtos tropicais para ser uma nação com amplas perspectivas de reforçar sua economia e atender concomitantemente a um mercado interno e ao mercado externo tradicional, sobretudo pelo passivo de uma dívida externa de 100 bilhões de dólares deixado pela Revolução de que falou o general Edmundo Macedo Soares.

Para tanto é preciso um reajustamento na linguagem dos ministros econômicos, dos quais deverá o país ouvir menos ameaças com vistas à platéia para ouvir o anúncio de medidas que retifiquem as distorções ocorridas na prática do Plano Cruzado e abram a esperança de que o Brasil se prepara efetivamente, não para o século XXI, que tanto excita a imaginação do presidente José Sarney, mas para os meses e os anos que se seguem e dos quais dependem, mais do que uma vitória eleitoral, a tranquilidade e o bem-estar da população.